


Foto da capa: John Minihan

- Beckett defendeu sempre a divisão cartesiana entre corpo e alma, renegando o racionalismo e a lógica inglesa. Toda a sua produção literária, densamente alegórica, é uma acurada reflexão sobre a existência, da qual resulta a negação da esperança e da salvação. Seus personagens não desejam a felicidade porque *a priori* a sabem impossível. A ambientação de suas peças, que para alguns estudiosos “não são mais do que fragmentos das novelas, episódios imersos num contexto mais amplo”, caracteriza-se pelo vazio e desrespeito ao tempo cronológico.

Em seu mundo o sofrimento não adquire dimensão heróica como no de Faulkner. Nele o sofrimento, a angústia, e a ansiedade possuem algo de cômico. Seus personagens não crêem em Deus, nem em si mesmos. *Companhia*, a última novela de Beckett, é, como as anteriores, original e intensa. Enredo e personagem quase não existem. A ação é estática. *Companhia* se realiza sobre o duplo signo da solidão e do silêncio. Nela só há palavras, e raros momentos que deixam entrever um comedido lirismo. O artista genial, que criou tipos inesquecíveis e perturbadores como Vladimir e Estragon, continua em *Companhia* a sua obsessiva pesquisa da linguagem, verdadeiramente uma das mais radicais já empreendidas pela literatura neste século.

José Mario Pereira

8  
11  
EUA VIA O MARIDO  
XU DEIXADO, BOMOS, DOLO FO  
O PESO DOS ANOS E DO  
CERTIDÃO, A VIDA  
TEGROSA, OS FILHOS

 imprensa metodista  
Impressão e acabamento  
Av. Senador Vergueiro, 1301  
Fone: 452-1777  
São Bernardo do Campo - SP  
Brasil